

RICARDO COSTA E O FLUIR DAS IMAGENS

por José de Matos-Cruz *

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Matos-Cruz

Entre finais dos anos 70 e meados da nova década, o documentarismo conhece, no cinema português, a sua derradeira fase significativa, como expressão artística e testemunho múltiplo. Assinam tais filmes ou séries alguns cineastas consagrados, além de especialistas versáteis, também ligados a outras funções como a fotografia, e de criadores alternativos ou em afirmação pelas imagens animadas. Mas, é já patente a ligação a outros meios como a televisão, a par com os compromissos de uma óptica europeia...

RITMOS E RITUAIS

Prestigiado pelas incursões testemunhadoras sobre o *Mar Limiar* (1975-77), em 1979 iniciou Ricardo Costa uma outra série televisiva, com pontual lançamento cinematográfico: *O Homem Montanhês*, de que foi argumentista e, com Óscar Cruz, produtor executivo para a sua empresa Diafilme, associada à Radiotelevisão Portuguesa/RTP. A série teria uma segunda emissão em Maio de 1982 na RTP2.



O primeiro desses filmes, *Castro Laboreiro* (1979) reflecte sobre as tradições e os reflexos da sociedade moderna numa das zonas mais remotas de Portugal. Três episódios (1 - *Inverneiras*, 2- *Transumâncias*, 3 - *Brandas*) que descrevem o ciclo vital das populações, dando relevo às migrações cíclicas dos vales para a montanha, e inversamente. A

emigração é uma consequência extrema dessa situação, motivada por “uma existência anquilosada e sem futuro”, contribuindo para transformar os hábitos e as estruturas comunitárias da região. Vítor Estevão dirigiu a fotografia em *Castro Laboreiro* e no Parque Nacional da Peneda - Gerês, sendo o filme emitido pela RTP1, em 1979.



A segunda longa metragem d'O *Homem Montanhês*, com implicações antropológicas, *Pitões - Aldeia do Barroso* (1979) teve argumento de Ricardo Costa, em colaboração com o etnólogo Viegas Guerreiro, apaixonado especialista da região. Vítor Estevão focou a imagem em Trás-os-Montes, região de Pitões, e o realizador voltou a ocupar-se da

montagem, com o também cineasta Luís Gaspar. Em abordagem, a organização social de uma das aldeias portuguesas em que as tradições

permanecem em maior número e com mais pureza. Episódios: 1- *A Aldeia*, 2- *Toma Lá, Dá Cá*, 3 - *A Festa*. A degradação da organização comunitária primitiva é decorrente da adoção crescente do modo de produção capitalista, e do individualismo que deriva dessa circunstância. Festejos do São João. Emigração para o Brasil e França, culminando no retorno ao “paraíso perdido”, com o qual se acentua uma expressão lúdica e dramática. Tal como *Castro Labreiro*, também *Pitões*, depois de emitido pela RTP1, em 1979, (Maio de 1982?). Terá sido a 2ª emissão na RTP2) teve apresentação no certame scalabitano de 1980 (10º Festival Internacional de Cinema de Santarém) - sendo galadoado com o Prémio Cidade de Santarém e ainda, em 1981, no 10º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz. Como balanço, Ricardo Costa avaliou a experiência “original, podendo até ser considerada como um salto qualitativo, em termos de métodos de cinema documental”.

O SALTO PARA A FICÇÃO

Genuíno documentarista, Ricardo Costa rodou entretanto, em 1978-79, a sua primeira experiência longa de ficção, *Verde Por Fora, Vermelho Por Dentro* (1980), um filme com marcas surrealistas em que a passagem do tempo é sombria. O argumento foi concebido por Ilídio Ribeiro, Maurício Cunha e pelo realizador, que dirigiu - com Jaime Campos e Óscar Cruz - a produção para a Diafilme, executada por Carlos Fonseca. Um homem de meia idade regressa



de algures, para tomar conta duma propriedade rural que recebeu da família, tentando constituir uma plantação de bananas... Rogério Paulo protagonizou esta comédia sarcástica, com radicais implicações simbólicas sobre a história e a política, além de uma forte conotação erótica, contracenando Adelaide João, a muda governanta, com Teresa

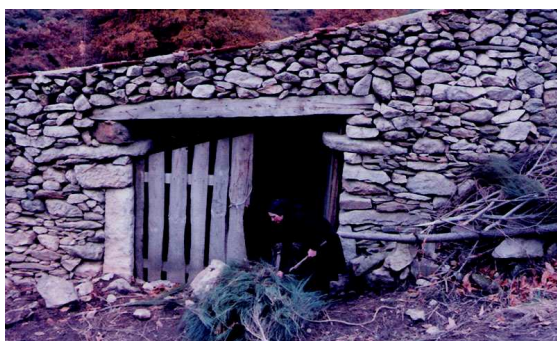
Melro e Ana Luísa Nascimento, as levianas filhas do liberal agrário. Iniciada sem apoio oficial, a filmagem decorreu na região de Santarém - Vale de Lobos, Quintas do Alviela e do Gaia, na propriedade e na casa de Guerra Junqueiro. Com fotografia de Vítor Estevão. *Verde Por Fora, Vermelho Por Dentro* estreou no Estúdio 444, em Outubro de 1980, tendo o cineasta realçado a propósito a preocupação “de evitar as tendências intelectuais, através duma linguagem acessível ao grande público”.

Culminando a série sobre *O Homem Montanhês* em lançamento cinematográfico, Ricardo Costa concretizou *Longe É a Cidade* (1981) - rodado em 1979-80, com a mesma equipa técnica, na região de Trás-os-Montes - procedendo ainda à montagem, com Ana Luísa Guimarães. Através de três episódios - 1 - *Masculino e Feminino*, 2 - *Do Granito da Montanha*, 3 - *Das Raízes da Cidade* -



retratam-se situações características e surpreendentes de Moimenta, uma aldeia do Nordeste, rica em hábitos comunitários primitivos. Em contraste, as tendências, influências e opções da vida social moderna, que obriga homens e mulheres, jovens em geral, a uma espécie de “salto mortal”, segundo um percurso contraditório e degradante... Difundido pela RTP em 1981, é apresentado no Festival da Figueira da Foz, em Setembro desse mesmo ano. Foi exibido em Paris no *Musée de l'homme* em Novembro de 2001 (primeira parte) e a segunda parte, em Janeiro de 2002, na Cinemateca Francesa.

Ricardo Costa prosseguiu em 1981 a saga d'*O Homem Montanhês*, registando - pela fotografia de Vítor Estevão, em plena Serra da Estrela - *Ao Fundo Desta Estrada*. Em causa, a vida de uma aldeia próxima da Guarda: Videmonte, numa região têxtil e semi-industrializada. De início, inventariam-se situações que funcionam como linhas temáticas, desenvolvidas nos episódios



subsequentes: 1 - *Ouro Branco*, 2 - *Entre Duas Terras*, 3 - *Quem Não É João Soldado*. Histórias antigas, a vida e a morte, jogos antiquíssimos transmitidos de geração em geração. Em conclusão, a forma como o “progresso” influiu no círculo de momentos inalteráveis e seculares... A par com situações encenadas, que não podem separar-se do documentário,

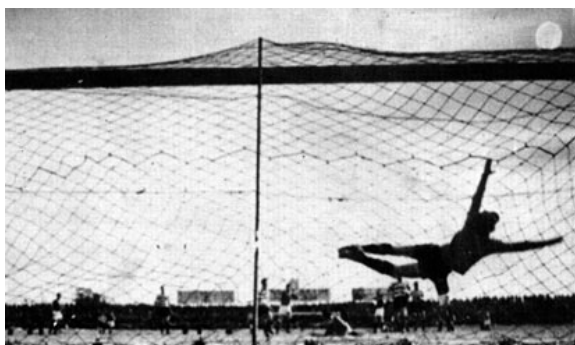
sobrevêm outras não manipuladas, que estão na esfera da ficção. Ao desenvolver tal metodologia, em género e estilo, o cineasta verificou que “o povo português é particularmente aberto, e as pessoas aptas e dotadas para desempenharem os seus próprios papéis”. *Ao Fundo Desta Estrada* foi também emitido pela RTP1 em 1981.

Depois, em coerente incidência etnográfica e antropológica, segundo “uma técnica de aproximação quase afectiva das pessoas”, Ricardo Costa sagrará *O Pão e o Vinho* para a Diáfilme ainda nesse mesmo ano. A rodagem, que decorre no Alentejo - região do Redondo - tem fotografia de Vítor Estevão, a de Ponces de Carvalho no terceiro e último episódio e mantém Oscar Cruz na produção. Em exposição virtual, o pão e o vinho - elementos que povoam a vida do homem alentejano. Passando pela liturgia, eles dominam a vida, simbólica e materialmente. Bens essenciais, expressão do trabalho e do prazer. Corpo e sangue, na mitologia religiosa e na natureza humana. Ainda em abordagem, a tradição rural, como as janeiras - o “Pão por Deus”. A louça



do Redondo e os rituais da Páscoa. Uma procissão de raízes profanas - a Verónica. Um diálogo difícil entre o passado e o futuro: os camponeses ocupam herdades abandonadas, organizando-se em cooperativas. A política, a vida, as magias, a festa, a música - registando-se a participação de Vitorino, Janita Salomé, Joaquim da Loíça e do Grupo de Cantares do Redondo.

Em 1983-84, Ricardo Costa, fazendo desfilar imagens de outros tempos e de outras vontades, assinalou os cem anos em Portugal do *desporto de multidões* com *O Nosso Futebol* (1984) - uma produção da Diafilme, orçada inicialmente em 6.000 contos, sob patrocínio da Santa Casa da Misericórdia. O realizador concebeu o argumento com José de Sá Caetano, colaborando no texto Vítor Ferreira. A fotografia foi operada por João Ponces de Carvalho, Moedas Miguel e José João. Eis a história nacional

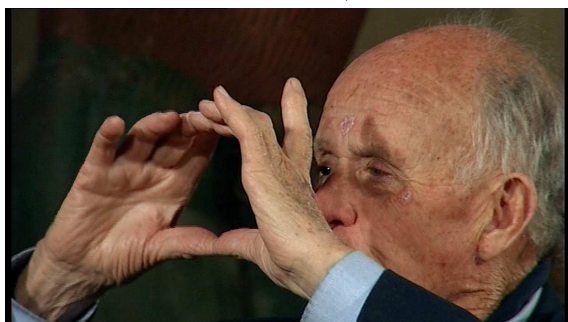


de um *fenómeno de massas* - desde os primeiros ensaios públicos, na vila de Cascais em 1888. Passando pela evolução nos anos vinte, o Estádio Nacional, o apogeu na década de '60, e o 25 de Abril, até à época presente, focam-se ainda as implicações de carácter social e político e certas contradições

históricas do país... A música original do filme é de António Victorino d'Almeida, que improvisa ao piano ao ritmo das imagens, sendo também interlocutor/acompanhante por um itinerário acidentado e (con)vivencial. Entre outros, colaboraram Vítor Santos, Neves de Sousa, Manuel Sérgio e Fernando Marques da Costa. *O Nosso Futebol* estreou no Rex, pela Cine-Filme, em Dezembro de 1985.

DE VOLTA A CASA

Os tempos felizes passam depressa. Eis porque as imagens fluidas de Ricardo Costa deixaram de fluir, antes de voltarem a brotar de um modo diferente. De



regresso a casa, e à falta de actores, o cineasta coloca-se diante da câmara e filma-se a ele próprio. Primeiro, com o velho compincha Jean Rouch, o «zazou rebelle», os dois sentados diante do espelho, olhando-se um ao outro e aos outros que os olham, tentando perceber o que eles vêem e o que tal significa:

Paroles, 1998, *Musée de l'homme*, em Paris (primeira parte) em Novembro de 2001 e, em Janeiro de 2002, na Cinemateca Francesa.

Depois, três anos mais tarde, ainda sem actores, Ricardo Costa recua para um encontro no passado e depara-se com «a Maria José, criada em casa dos seus



pais, que lhe contava histórias inverosímeis quando ele era criança, tinha ela uns dezoito». pondo-se a contar a sua própria história, cinquenta anos depois de ter ouvido uma primeira. *Brumas* (Festival de Veneza, 2003, Novos Territórios). Podemos ver assim como as imagens evoluem a longo termo: docemente, para trás e para a frente,

iguais às vagas que batem nas rochas, bem perto, no bairro de pescadores, onde uma velha viúva, com rugas profundas, vive tranquilamente. Ali feito, na terra onde ele nasceu, *Brumas* é o primeiro filme de uma nova trilogia, *Longes*.

Quais os reflexos e as distâncias, as vivências e as referências? O que virá a seguir?

NOTA: a filmografia de Ricardo Costa inclui um número importante de curtas e médias metragens. Filmou ainda duas longas-metragens: *AVIEIROS* (1975) e *MAU TEMPO, MARÉS E MUDANÇA* (1976).

© José de Matos-Cruz, Maio de 2010

VER: <http://ricardocosta.net>

Pág. pessoal de Ricardo Costa

* Biografia sumária

José de Matos-Cruz nasce em Mortágua, em 1947. É licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1973). Escreve em jornais e revistas desde os anos 60.

Em ficção e poesia, publicou entre outros livros *Tempo Possível* (1967), *Cafre* (1970), *Alma de Cadáver* (1985), *A Erosão dos Lábios* (1992), *Hexálogo* (2000), *Os EntreTantos* (2003) e *O Infante Portugal* (2007). Em banda desenhada, fundou e dirigiu várias revistas, coordenando *Quadrinhos* (1983-2004) n'A *Capital*. Em 2004, iniciou o *Imaginário* - periódico com versão *newsletter* e no formato *webzine* em www.imaginarior.org.

É autor de obras sobre cinema, entre as quais se destacam as suas monografias sobre Charles Chaplin (1981), Manoel de Oliveira (1996), António de Macedo (2000), Artur Ramos (2003), António Lopes Ribeiro & Francisco Ribeiro/Ribeirinho (2008). São suas as obras-mestras *O Cais do Olhar* (1980 e 1999), que reúne todos os filmes portugueses de longa-metragem do século XX, e o *Prontuário do Cinema Português 1896-1989* (1989), *O Cinema Português - 1896-1998* (1998) e ainda *30 Anos Com o Cinema Português* (2002).

A partir de 1986, colabora no *Diário de Notícias*. Consultor da série *História do Cinema Português* (após 1995) para Acetato/RTP. Consultor em dicionários e enciclopédias. Assessor da RTP em programação (1989-94) e produção (1998-99).

Desde 2000, é professor convidado da Escola Superior de Teatro e Cinema. É autor da base de dados *Cinema Português* (2002-09) do Centro Virtual/Instituto Camões. A partir de 2003 é docente da Licenciatura em Cinema da Universidade Moderna. É responsável pela Filmografia Portuguesa, na Cinemateca Portuguesa entre 1980 e 2008.

Em 2005, lançou a monografia *Joaquim de Almeida - 1838-1921 - Um Actor de Montijo*, génese do levantamento informático *Anuário Teatral - Portugal - Século XIX*, obra em desenvolvimento.

José de Matos-Cruz - Memórias Afectivas e Outras Histórias (Dolphin Produções) é um filme de Delfim Ramos (DVD) de evocação vivencial e testemunho criativo.

Em 2010, é membro do Conselho da Fundação D. Luís I de Cascais.

VER MAIS: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Matos-Cruz